

CARTAS ENTRE OS JARAWARA: UM ESTUDO DA APROPRIAÇÃO DA ESCRITA*

Elizabeth VENCIO

RESUMO *A sociedade Jarawara, de tradição oral, recentemente solicitou a escrita que chegou até esta sociedade na língua Jarawara, através de uma escola que procurou respeitar as tradições Jarawara mas que ainda trazia marcas da tradição escolar dos “brancos”. A verdadeira escola Jarawara estabeleceu-se quando os próprios Jarawara assumiram o controle do processo de escolarização fazendo várias modificações. A modificação mais profunda que fizeram foi a mudança da função que receberam para a escrita, através da substituição do livro didático impessoal, pré-elaborado, que foi trocado pela CARTA, que se tornou o livro didático Jarawara, pessoal e em constante elaboração. A carta se tornou o meio e o fim do letramento. Além disso, criaram a CARTA JARAWARA, tendo como característica principal o fato de ser escrita para uma pessoa em particular mas lida por todas. O mais surpreendente na experiência Jarawara com a escrita é a rapidez com que o povo assumiu o controle do novo conhecimento: tendo recebido a escrita em 1989, apenas quatro anos depois, em 1992, a escola e a escrita Jarawara já eram realidade. A experiência Jarawara demonstra, portanto, que as pessoas podem agir sobre a escrita, transformando-a e lhe dando a forma desejada.*

A escrita tem sido campo de pesquisa para muitos estudiosos e muito se tem falado do seu poder sobre as pessoas. Recentemente, entretanto, um novo aspecto da escrita passou a ser estudado: **será que as pessoas podem agir sobre a escrita?** As pessoas podem ser agentes/sujeitos frente à escrita? Para responder a esta pergunta estão sendo analisadas pequenas sociedades isoladas (em várias partes do mundo) que receberam o letramento há pouco tempo. Foi observado que estas sociedades têm tido controle, domínio sobre a escrita, usando-a para seus próprios interesses, dando à escrita funções diferentes das funções que outras sociedades têm dado.

A experiência Jarawara com a escrita tem semelhanças com as experiências daquelas sociedades estudadas porque constituem uma pequena sociedade,

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado com o mesmo título apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 15 de Agosto de 1996, sob a orientação da Prof. Dra. Tânia Maria Alkmin.

relativamente isolada, e que começou a ser alfabetizada em 1989. Depois de apenas quatro anos de uso da escrita, a sociedade Jarawara, uma sociedade de tradição oral, apropriou-se da escrita, controlou o processo de sua aquisição e lhe deu funções de acordo com os interesses Jarawara.

Os Jarawara vivem na região Amazônica, próximos ao rio Purus, um dos afluentes do Rio Amazonas, no Estado do Amazonas. Sua população é de 153 pessoas e está distribuída em seis aldeias. A área que ocupa foi demarcada em 1991. A língua Jarawara faz parte da Família Arawá, na classificação de Aryon Rodrigues (1986).

O povo Jarawara foi contatado por volta de 1850 (conforme Gunter Kroemer, 1985) por exploradores dos produtos da região, que fizeram tentativas fracassadas para escravizar os Jarawara. Houve conflitos sangrentos mas depois estabeleceu-se uma coexistência pacífica entre os Jarawara e os exploradores através de transações comerciais à base de trocas de mercadorias em que os Jarawara não recebem pagamento justo. Embora conscientes deste fato os Jarawara continuam levando seus produtos (borracha, óleo de copaíba, castanha-do-pará, etc.) para os chamados “patrões” porque querem as mercadorias dos “brancos” (sal, querosene, sabão, etc.). Os Jarawara, apesar de terem passado por várias mudanças superficiais em seu modo de vida, efetuadas pelo contato com os “brancos”, conservam sua identidade cultural através da língua e tradições de seus antepassados. São auto-confiantes e não se consideram incapazes para usar qualquer tecnologia do “branco” com as quais eles têm tido contato (espingarda, motor de barco, moto-serra, etc.).

Tratando, agora, especificamente sobre a experiência Jarawara com a escrita, seria interessante ler o relato de um deles mesmo, Bibiri, um rapaz Jarawara, da aldeia Casa Nova:

Irmã mais velha Beth, eu gosto de você. Estou escrevendo uma carta para você. Antigamente nós todos não sabíamos a escrita. Em Casa Nova não tinha escrita. Em Água Branca não tinha escrita. Em São Francisco não tinha escrita. Não vinha carta de Água Branca para Casa Nova. Não ia carta de Casa Nova para Água Branca. Não ia carta de São Francisco para Casa Nova. Nossas localidades todas não tinham escrita. Não se mandava carta para nossos parentes. Beth e Sandra, vocês duas, ainda não tinham vindo. Alan e Lucilia, os dois, ainda não tinham vindo. Nós não sabíamos escrever. Nós não sabíamos mandar carta para nossos parentes nas localidades deles. Então Sandra, vocês duas, vieram. Alan e Lucilia, eles dois vieram. Ensinaram nossos parentes e agora eles sabem escrever. Eles nos ensinaram e agora parece que nós sabemos escrever. Todos nós sabemos escrever agora. Não se pára de mandar carta de Casa Nova para Água Branca. Muitas cartas de Água Branca vão também para Casa Nova. Agora todos eles gostam um do outro nas cartas.

Embora os Jarawara estivessem em contato com nossa sociedade (e de alguma forma com a escrita) há mais de um século, foi somente em 1989 que os primeiros Jarawara aprenderam a ler e escrever. Isto aconteceu, como relatou o Bibiri, quando nossa equipe, que havia chegado na aldeia Água Branca em 1986, iniciou a alfabetização de quatro rapazes e uma moça de Água Branca e um rapaz da aldeia São

Francisco. Esta “escola” foi iniciada por solicitação da própria comunidade de Água Branca que havia observado a importância dada à escola nas comunidades dos “brancos”.

Nosso projeto para a implantação da escola procurou seguir recomendações antropológicas e lingüísticas, visando o respeito às tradições Jarawara. Por isso a alfabetização foi na língua materna do povo e o calendário escolar seguiu a disponibilidade de tempo dos alunos para não prejudicar suas outras responsabilidades. Para que não ficassem dependentes de professores de fora nem de professores remunerados (de dentro ou fora da comunidade) utilizamos o sistema de ensino “Cada um ensina um” do educador Frank Laubach, em que, após alfabetizado, o aluno pode alfabetizar outra pessoa. Tendo em vista esta autonomia, os primeiros alunos eram adultos ou jovens-adultos. Procuramos facilitar a aplicação do sistema “Cada um ensina um” usando a própria estrutura social Jarawara, ou seja, as responsabilidades familiares, ensinando nossos irmãos na família em que fomos adotadas.

Além destes princípios pré-estabelecidos, com o desenvolvimento do projeto, procuramos atender ao currículo da escola nacional para as primeiras séries, usando o conhecimento Jarawara (sua história, ciência, etc.) através de textos que os próprios alfabetizados já podiam escrever, seguindo nossas orientações. Nosso propósito era criar uma escola Jarawara autêntica embora não soubéssemos exatamente como fazer isso porque estávamos conservando características básicas da “escola de branco”. Isto é, apesar das aulas serem em nossa residência, tínhamos horário e local fixo para as aulas em um ambiente “escolar” onde não permitíamos assuntos paralelos, brincadeiras das crianças que vinham observar as aulas, ou rádio ligado, etc.. Outra característica da “escola de branco” estava no próprio material didático que, embora fosse na língua Jarawara, contendo seus próprios conhecimentos e escrito pelos Jarawara (os livros pós-cartilha) eram textos de conhecimento, impessoais, textos da “escola de branco” (por seguirem nossas orientações).

Contudo, assim que deixamos a “escola” na responsabilidade dos próprios Jarawara as mudanças começaram a ocorrer. Inicialmente, a “escola” não foi aceita como responsabilidade familiar e nem mesmo como qualquer responsabilidade ou dever. Por isso os primeiros alfabetizados simplesmente (com exceção do aluno de São Francisco) não cumpriram o que haviam prometido, de que após aprenderem, deveriam ensinar seus familiares. Em Água Branca, em 1991, o sistema “Cada um ensina um” não funcionou. Porém, neste mesmo ano, em Casa Nova, o sistema funcionou perfeitamente (mas não como **dever**): a colega Lucilia ensinou três rapazes que, tão logo aprenderam, começaram a ensinar os outros rapazes da aldeia por **companheirismo** e só pararam quando todos os interessados haviam aprendido.

Outra modificação que os Jarawara fizeram foi no horário e ambiente das aulas. Ensinar em qualquer dia ou hora, em qualquer lugar e no ambiente normal da casa, conforme a disponibilidade e vontade do aluno e do professor. Alguns dispensaram o material didático elaborado por nós (cartilha e caderno de exercícios), usando caderno comum, onde escreviam as frases da cartilha (que lembravam) para que o aluno copiasse. Entretanto, ao final de 1991, havia pouco interesse entre os Jarawara em aprender a ler e a escrever.

Aconteceu, então, um fato interessante no início de 1992: os alfabetizados aldeias Água Branca, Casa Nova e São Francisco, começaram a mandar cartas uns aos outros. Antes, no início de 1991, os rapazes de Água Branca já haviam enviado algumas cartas para suas famílias quando estavam trabalhando fora da aldeia, em um acampamento na selva. Porém, logo voltaram e as cartas cessaram. É importante notar que nunca havíamos ensinado a eles, nem sequer sugerido, que escrevessem cartas. Mas, naturalmente, eles já tinham visto o uso de cartas entre os “brancos” da região e também entre nós e nossos colegas que estavam na aldeia Casa Nova.

Com o ressurgimento das cartas, as moças, que até então não estavam interessadas na escrita, resolveram aprender a ler e a escrever. As primeiras foram ensinadas por seus irmãos e depois passaram a ensinar as colegas. O sistema “Cada um ensina um” voltou a funcionar e continua até hoje, envolvendo já todas as aldeias porque, à medida em que mais cartas circulam, mais pessoas resolvem a aprender. A carta passou a ser, também, o livro didático tanto para praticar a leitura e escrita como para aprender a ler e escrever. Os Jarawara criaram, assim, um livro didático personificado, muito mais interessante do que aquele em que havíamos ensinado a eles.

Em setembro de 1995, 30% da população total dos Jarawara (153 pessoas) já estava alfabetizada (46 pessoas) e 21,5% (33 pessoas) estava estudando, alcançando um total de 51,5% da população dominando ou no processo de domínio da escrita. É interessante observar também que, destes 51,5% que são 79 pessoas, 60 são da faixa etária jovem-adulto, o que representa 93,75% desta faixa etária que tem um total de 64 pessoas. Recentemente, entretanto, fui informada de que mais duas pessoas desta faixa etária resolveram estudar, o que nos **aproxima da taxa de 100% de alfabetizados e estudantes jovens-adultos**, a faixa etária atualmente considerada pelos Jarawara como a que deve ser alfabetizada. É por isso que o Jarawara Bibiri escreveu: *“Todos nós sabemos escrever agora”*.

O fato é que, através da carta, os Jarawara deram à escrita uma função que atende aos interesses deles. Rejeitaram a função que havíamos dado para a escrita, isto é, registrar o etnoconhecimento, e criaram outra: **comunicação**. Não só mudaram a forma da “escola” que receberam, abolindo horários e locais fixos, ambiente controlado e materiais didáticos pré-elaborados, mas também mudaram a própria função que receberam para a escrita: de “escolar”, impessoal, para pessoal, espontânea, servindo e promovendo o relacionamento entre as pessoas. Em outras palavras, os Jarawara transformaram a “escola de branco” em **escola Jarawara**, fundamentada no relacionamento e na espontaneidade que lhes são próprios. Desta forma, os Jarawara dominaram a escrita que lhes veio através do contato e a colocaram a serviço de sua sociedade, mostrando que **as pessoas podem agir sobre a escrita**.

A CARTA JARAWARA

A carta Jarawara tem algumas características que a tornam diferente da nossa tanto na forma como no significado. Na forma, porque há uma tendência em circulação para formalizar um modelo que está sendo criado por eles mesmos; no significado, porque há

conceitos diferentes dos nossos sobre carta. Ou seja, os Jarawara não só direcionaram a escrita escolhendo uma das suas modalidades já conhecidas mas também foram criativos no uso desta modalidade escolhida, evidenciando a sua habilidade no controle sobre a escrita.

Isto foi observado através do estudo de 30 cartas, escritas no período de 1992 a 1995, que me foram fornecidas pelos destinatários. As cartas vieram de quatro aldeias e foram escritas, naturalmente, na língua Jarawara, usando a mesma linguagem da fala, da conversa diária. A maioria das cartas não usa parágrafo nem pontuação e a separação de palavras é irregular mas sem prejuízo para a compreensão. Geralmente usam folhas de caderno comum, tamanho pequeno e escrevem, quase sempre, só de um lado da folha. Usam como “envelope” a dobradura, uma maneira engenhosa com que dobram a carta, ficando sempre para dentro a parte escrita, formando um pequeno quadrado, com as pontas bem presas.

Os nomes dos remetentes e destinatários são escritos neste “envelope”. Estas 30 cartas foram escritas por dezoito diferentes pessoas, sendo nove homens e nove mulheres. Destas dezoito pessoas somente sete foram alfabetizadas pelas professoras de fora.

Os Jarawara desenvolveram dois tipos de cartas: uma **pública** e outra **sigilosa**. A pública é, na verdade, escrita para uma pessoa em particular que, após receber e ler a carta, passa-a para outras pessoas da comunidade lerem. A sigilosa, geralmente cartas de namoro, são muito bem guardadas. A forma de enviar estes dois tipos de cartas é também diferente. A pública é transportada por qualquer visitante que esteja indo de uma aldeia para outra; a sigilosa só é transportada por pessoas de confiança e ainda usando pseudônimos. Mas a predominância é da carta pública, escrita para indivíduos e lida por todos, combinando mais com o estilo comunitário da sociedade Jarawara.

Os temas das cartas são diversos: expressam as emoções (amor, alegria, tristeza, raiva), dão conselhos, fazem brincadeiras, etc..

Exemplos:

Carta n.15 (De uma irmã para a outra)

Irmã W, escute um pouco o que eu estou falando. Eles dançaram. Eu não estou bem, eu estou escrevendo uma carta, uma carta para você. Por causa de minha tristeza eu não estou bem. W, tenha cuidado. Cuidado com a Y. (.....). Eu vou ficar sozinha agora porque a doença é forte. Está difícil para mim. (.....). Vou contar o que a doença fez. Teve festa no sábado; no domingo a criança começou ficar doente; não ficou muitos dias. A avó dela disse que, de manhã, ela teve diarreia. No domingo à noite ela teve febre, na segunda-feira à noite a criança estava morta, à noite, às três horas da madrugada. (.....) Eu não estou muito bem, não. Eu não estou falando bem. Minha tristeza não acabou ainda (.....). Você está escutando o que eu estou falando. Tenha cuidado.

Carta n.16 (Carta de namoro)

M., você disse que bebeu cachaça do J. Não beba mais cachaça, não. Pare de beber. Meu querido eu gosto de você também. Fique aqui para jantar comigo,

amigo. Meu amor, não brinque mais não. Brincadeira não presta. (.....) sabia fazer comida não, mas você disse que eu devo fazer a sua comida. querido, estou com pressa. Eu sou Y. Meu querido, você está com fome? vai embora. Eu tenho comida; eu não tenho farinha. Vou chorar; quando eu me lembrar de você não vou comer. Você é meu querido.

Carta n.22 (De um amigo jovem para uma amiga)

(.....) Vou ficar alegre quando você casar. Quando você casar e tiver um filho, eu vou casar também. Está bem? A., estou brincando. Não quero casar. Já sou velho. (.....) A., já vou terminar. Está bem? Estou cansado porque eu sou velho. (.....).

Como já foi dito, a carta Jarawara está com uma **tendência** para padronizar um modelo, que é o seguinte: inicia geralmente com o nome ou o termo de parentesco do destinatário e logo após vem uma expressão de amizade **tiwa onofaoke** ‘eu gosto de você’; no corpo da carta diversos assuntos são tratados mas quase sempre chamando a atenção do leitor para a carta em si mesma, o canal da comunicação; para finalizar, avisa que vai terminar e por fim se identifica, colocando seu nome. Nem todas as cartas seguem este padrão completo, mas é a forma que está predominando no momento.

Os Jarawara deram à carta o mesmo nome que deram para a escrita quando iniciamos a alfabetização: **yama hani**, literalmente ‘coisa desenhada’. Isto evidencia que a carta se tornou a função quase que única para a escrita. Assim, as funções que a carta está desempenhando são, praticamente, o que deram como função para a escrita: contato à distância, manifestação de afeto (“*Todos gostam um do outro nas cartas*”, como escreveu o Bibiri) e uma forma divertida de passar o tempo (porque o próprio ato de escrever, de dominar as letras, é interessante, divertido). Estas três funções da carta, contato, afeto e jogo, são, portanto as características da escola que os Jarawara criaram (ou estão criando), deixando bem claro que são **agentes e não pacientes** em relação à escrita e à estrutura escolar ocidental que lhes chegou através do contato com nossa sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- BASSO, K.H. 1980. “Review of Goody”. In: **Language in Society**, n.9, pp. 72-80
- BESNIER, N. (1989). “Literacy and feelings: the encoding of affect in Nukulaelae letters”. In: STREET, B (ed.) (1993). **Crosscultural approaches to literacy**. Cambridge: Cambridge University Press.
- BURKE, P. (ed.). (1992). **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP.
- COOK-GUMPERZ, J. (1986). **The social construction of literacy**. Cambridge: Cambridge University Press.
- DIXON, R. & VOGEL A. (1994). **The Structure of the Verb in Jarawara (Arawa Family)**. mimeografado.
- FINNEGAN, R. (1988). **Literacy and orality. Studies in the technology of communications**. Oxford: Blackwells.

- _____. (1989). "Communication and technology". In: **Language and communication**, n.9, pp. 107-27.
- GNERRE, M. (1991). **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes.
- GRAFF, H.J. (1987). **The Labyrinths of Literacy**. London: The Falmer Press.
- GOELMAN, H.; OBERG, A. & SMITH, F. (eds), 1983. **Awakening to literacy**. Cambridge: Cambridge University Press.
- GOODY, J. (1968). **Literacy in traditional societies**. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1977). **The domestication of the savage mind**. Cambridge: Cambridge University Press.
- GOODY, J. & WATT, I.P. (1968). "The consequences of literacy". In: GOODY (1968). (Publicado originalmente em **Comparative Studies in History and Society**, 5, pp. 304-345, 1963).
- HAVELOCK, E. A. (1963). **Preface to Plato**. Cambridge: Harvard University Press.
- _____. (1976). **Origins of Western Literacy**. Toronto: Ontario Institute for Studies in Education.
- HOUISS, M. (1971). **Anthropologue linguistique de l'Afrique Noire**. Paris: PUF.
- JAKOBSON, Roman (1969). **Linguística e Comunicação**. Trad. Isidoro Bliksteine e José Paulo Paes, São Paulo: Editora Cultrix/Edit. da Universidade de São Paulo.
- KROEMER, G. (1985). **Cuxiua, o Purus dos indígenas**. São Paulo: Edições Loyola.
- LAUBACH, F. C. (1961). **Toward World Literacy**. Syracuse: Syracuse University Press.
- LEVI-STRAUSS, C. (1955). **Tristes Tropiques**. Paris: Plon. 1962.
- MELIÁ, B. (1979). **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Loyola.
- MELIÁ, B. (1989). "Desafios e Tendências na Alfabetização em Língua Indígena". In: OPAN, **A conquista da escrita**. São Paulo: Iluminuras.
- RODRIGUES, A. (1986). **Línguas Brasileiras**. São Paulo: Edições Loyola.
- SCRIBNER, S. & COLE, M. (1981). **The Psychology of Literacy**. Cambridge: Harvard University Press.
- VIGOTSKY, L.S. (1993). **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.
- VOGEL, A. (1994). **Dicionário Jaruára-Português**. edição experimental.
- WHITEMAN, M. (ed.) 1981. **Writing the nature, development and teaching of written communication**. vol.1, "Variation in Writing: functional and linguistic and cultural differences". Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- ZILBERMAN, R. & SILVA, E.T. (orgs.) (1991). **Leitura - Perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática.